

## ***Fernando Henrique Cardoso na idade da sabedoria***

Por Gilberto de Mello Kujawski\*

“Sou cartesiano, mas com pitadas de candomblé.” Nestes termos é que Fernando Henrique Cardoso se apresenta em seu livro estupendo *A soma e o resto*, acabado de sair (Civilização Brasileira, 2011), resultado de uma série de entrevistas com o diplomata Miguel Darcy de Oliveira. O título completo reza *A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos 80 anos*.

“Cartesiano com pitadas de candomblé.” Descartes é o racionalismo, ou seja, a crença de que o universo corresponde, ponto por ponto, rigorosamente, às idéias claras e distintas elaboradas pela razão. Tal como as idéias claras e distintas, a realidade cartesiana constitui-se em *identidade* ( $A=A$ ). Hoje as idéias claras e distintas não existem mais nem na matemática, na qual se fala, por exemplo, no número *irracional*. O universo não consiste em identidade, algo eterno e imutável; consiste num fluxo de mudanças descontínuas, contraditórias, imprevisíveis, algo que o tranquilo e sonolento olho cartesiano não podia perceber, e que somente o olho treinado no ritmo do candomblé descobre e vai atrás. Fernando Henrique tem a cabeça formada na Sorbonne, mas o olho e o ouvido educados no candomblé.

O resultado é que seu intelecto supera a cada momento os rígidos limites da maneira acadêmica de pensar, adquirindo uma extensão e agilidade incomuns, tornando-o apto para perceber, minuto a minuto, as variações, as contradições e as inconsistências da realidade. “O sentido que dei à minha vida foi tentar perceber o que vem de novo por aí. Não me preocupo muito com o que já está. A gente pensa que vai ocorrer o inevitável e vem o inesperado.” Esta última frase é candomblé explícito. Endereça-se aos economistas, aos políticos e aos militares que pretendem dirigir os destinos do mundo.

Cartesiano? Nem tanto. O aprendizado do candomblé filia FHC à ilustre progênie de Heráclito (“tudo flui”, “o sol é novo a cada dia”, “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”).

Aos 80 anos a pessoa já não pode mentir para si mesma. Nenhuma insinceridade é permitida, nenhum circunlóquio admitido, os últimos vestígios da retórica intelectual ou política são suprimidos. O tempo restante é pouco e já não dá para fazer pose ou defender posições insinceras. As ideologias são superadas como doenças infantis turvando a limpidez da visão. É a voz interior do autor que fala o tempo todo no livro, em nível coloquial, assimilando o discurso do intelectual e do estadista no tom maduro da pessoa que entra nas últimas contas consigo mesma. FHC realizou a proeza rara de fazer coincidir os latejos do seu cérebro com as palpitações do seu coração. Texto “conversado” palavra por palavra. O que significa que o autor coloca o leitor não à distância, como alguém anônimo, mas como parceiro, incluído pessoalmente na sua esfera de vida e cuidado, “face to face”. Conta com o leitor, com o interlocutor, e estabelece com ele uma associação de destino, cujo denominador comum é o futuro do Brasil em dimensão *global*. Este adjetivo, *global*, faz toda a diferença, na medida em que o patriotismo de FHC está nos antípodas do nacionalismo provinciano e de qualquer provincianismo.

O ex-presidente veio para somar, não para dividir. Sua estratégia é de convergência, no plano ideológico, nacional e internacional. “Guardarei as armas do interesse pessoal, partidário ou mesmo dos egoísmos nacionais sempre que vislumbrar uma estratégia de convergência que permita dias melhores no futuro.”

*“Uma nova sociedade: menos organizada, mais conectada”*

É na segunda parte do livro, “Mapa-mundi”, no capítulo dedicado à análise da nova sociedade emergente, que FHC brilha com a maior intensidade na condição do consumado estrategista do “novo, o emergente e o inesperado”. O sociólogo e

o estadista falam a mesma linguagem, na qual a teoria soa como o primeiro impulso da ação. Este humanista e homem de livros somente *pensa* o que pode executar como estadista, e nada executa sem ter pensado maduramente no assunto. Em FHC a razão teórica é o outro aspecto da razão prática, ambas caminham junto e são inseparáveis como Cosme e Damião.

A impressão generalizada do brasileiro sobre o Brasil de hoje é negativa. Parece-lhe que o País nunca esteve tão desorganizado, com as instituições em crise, a opinião pública anestesiada, a representação política tão falha e o cenário social tão desarticulado e estagnado.

Pois o quadro descortinado por Fernando Henrique é totalmente outro: o que estamos vendo é uma nova sociedade em formação, “menos organizada e mais conectada”. O Brasil está mudando e para melhor. Atenção para o verbo “conectar” em suas diversas formas. É a chave de toda a interpretação da nova realidade mundial e brasileira. Segundo o dicionário *conectar* significa “estabelecer conexão entre; unir, ligar, interligar”. Em sentido figurado: “ficar atento, interessado no que se passa em volta”. FHC é um homem conectado. Será que por isso é que foi tão longe na apreensão do significado social, político e cultural da ação de conectar?

O brasileiro vive hoje mais conectado do que nunca. A conectividade cria nova dinâmica social. Surgem oportunidades e ocupações inéditas, enriquecendo como nunca antes o horizonte do futuro para a juventude: “novos modos de fazer, de trabalhar, de juntar competências”. A aspiração das classes ascendentes hoje já não é repetir o sucesso das camadas bem sucedidas de outrora, quando as profissões básicas da classe média se limitavam a ser engenheiro, médico ou advogado. As profissões do futuro estão sendo inventadas hoje – diz FHC – pelas novas classes médias ascendentes, profissões que não se aprende em escolas ou universidades, e sim no próprio trabalho, fazendo e aprendendo uns com os outros.

Do que diz o autor podemos deduzir que o velho esquema que representava a sociedade constituída por classes compactas, superpostas umas sobre as outras, não se sustenta mais. A organização da sociedade por classes rigidamente separadas, em luta uma com as outras é coisa do passado. A organização da sociedade em classes superpostas foi solapada pela interconectividade. As formas de associação mudaram. “Hoje o importante é compartilhar.” As comunidades virtuais e as comunidades reais coexistem.

O que significa, contrariando Marcuse, que a sociedade já não é unidimensional, e sim uma sociedade pluridimensional.

Em suma, em tempos mais recuados falava-se em sociedade de classes. Depois se começou a falar em sociedade de massas. FHC introduz algo completamente diferente, menciona a sociedade virtual, plural, que se conecta e se desconecta conforme as circunstâncias. Uma sociedade móvel, dinâmica, na qual as classes estão umas dentro das outras, atraídas pela energia da conectividade e nela dissolvidas em forma quase imaterial.

Que mal se pergunte: onde fica o conceito de luta de classes neste novo tipo praticamente imaterial de sociedade? Como ficam os partidos, que até agora monopolizam a vida política? Não teriam que compartilhar a política com outros grupos? E os conceitos de direita e esquerda, ainda querem dizer algo? Não seria urgente remanejá-los? O autor aborda e explica todos esses problemas de forma aguda e original.

Sua visão é sempre abrangente. Quem deve comandar o processo de desenvolvimento numa sociedade democrática? O mercado, como quer o neoliberalismo? Ou o Estado, conforme insiste a esquerda? Nem o mercado, nem o Estado. Numa sociedade democrática é a própria sociedade quem deve comandar.

A interrogação pelo futuro não diz respeito nem ao mercado, nem ao Estado; diz respeito à sociedade. Para onde vai a sociedade? O que move a sociedade – diz FHC – é a emergência do novo. E que é o novo? “A meu ver é o fato de que a despeito da existência de estruturas, de uma ordem estabelecida, as pessoas estão cada vez mais se conectando por sua própria iniciativa, independentemente das estruturas preestabelecidas. As pessoas vão para a internet, entram no Facebook e têm amigos. Não é preciso perguntar se estes amigos são pobres ou ricos, qual sua origem familiar, qual seu nível de escolaridade. Nada disso tem a importância que tinha antes.”

Em suma, a sociedade, tanto nacional como no mundo inteiro, está cada vez mais conectada, mais receptiva ao outro, a tudo o que vem de fora, e isso é bom, enriquecedor, criador de novas oportunidades vitais. A grande questão a ser enfrentada é que neste mundo multipolar e pluricultural formado pela conectividade universal, o poder se divide entre vários Estados nacionais e se difunde dos Estados para atores não estatais. Os pólos de poder são múltiplos neste mundo globalizado. Fatores supervenientes como a emergência do Sul e do islamismo reforçam a diversidade das culturas. Em outras palavras: quando todos querem mandar, ninguém comanda. Gera-se a instabilidade e a incerteza. O mundo – escreve o autor – se apresenta hoje como um caleidoscópio. “As alianças se fazem caso a caso, não como antes, em bloco. Não há mais alinhamentos automáticos.”

E aqui FHC formula o tema e a missão de nosso tempo: “O desafio é constituir uma nova articulação entre o universal e o particular.” Porque a globalização econômica não levou a um mundo único, não acabou com os Estados nacionais e sua diversidade cultural. Será preciso equacionar valores universais (como os direitos humanos, o combate à droga e ao terrorismo) com as peculiaridades de cada povo. O poder tem que ser organizado em escala mundial, respeitados os direitos dos Estados, eis a questão.

## *Saber e sabedoria*

Fernando Henrique Cardoso, homem de saber, culto e amplamente instruído, chega, finalmente, ao pleno desabrochar da sabedoria, que desenvolveu ao longo da sua vida.

Sabedoria não é mero saber, conhecimento ou erudição. A sabedoria constitui o saber primordial, o sentido verdadeiro e originário do saber, que é *saber a que se ater*. Não deriva da ciência, nem do alto conhecimento. Pelo contrário, a sabedoria freqüenta muito pouco os doutores e os sabichões. Prefere pessoas mais humildes, por vezes homens e mulheres muito simples, quase sem instrução. Na lição de Ortega (que cunhou a expressão “saber a que se ater”), o homem se perde nas coisas porque se perde a si mesmo. E se perde porque não está às claras consigo. Já não coincide consigo mesmo e ignora qual é sua sincera e autêntica atitude perante as coisas, confundido pelas opiniões alheias, na maior parte anônimas (o que “se” diz, o que “se” faz etc.). A partir do momento em que a pessoa recupera a transparência consigo mesma, já não se perde nas coisas. Adquire uma certeza radical sobre o mundo e aprende de vez para sempre a saber a que se ater, isto é, “*como nos comportar com as coisas e o que esperar delas*”. E nisto não vai ciência de espécie alguma, nem pragmatismo, nem metafísica. Vai algo mais importante e decisivo, que é o esforço para eu me transformar em quem sou.

“Transforma-te em quem és”, o mandamento do poeta Píndaro (sc.VI a.C) dirigido aos atletas dos jogos Pan-Helênicos na Grécia, pode ser erigido como o supremo imperativo ético de todos os tempos.

O sentido da vida está em sermos efetivamente aquele que somos virtualmente. Se eu me transformo em mim mesmo, atinjo a plenitude do meu ser, adquire sabedoria, e alcanço a verdadeira felicidade, que é a integração comigo mesmo. E

a felicidade, na minha definição, consiste em estar de bem com a vida, mesmo quando a vida não vai bem.

*A soma e o resto*, o livro de Fernando Henrique Cardoso, tem a sua cara, a cara de um homem irradiante de sabedoria e de felicidade, porque em total transparência consigo mesmo. Um sábio, alguém que sabe a que se ater, que aprendeu a se comportar com as coisas e o que esperar delas. É um homem feliz porque plenamente realizado na sua vocação superior de intelectual e estadista. Alguém nimbadado pela aura de quem soube transformar-se em si mesmo.

**\*Gilberto de Mello Kujawski** é escritor e jornalista. Acaba de publicar os ensaios “O sentido da vida” (Ed.Gaia), e “Machado de Assis por dentro” (Migalhas).